



2004/01/29

O ENSINO SUPERIOR MILITAR UNIVERSITÁRIO EM FRANÇA: O EXEMPLO DE SAINT-CYR

João Vieira Borges

Independentemente da noção de que existe todo um enquadramento político, económico, social e mesmo militar, que é determinante relativamente a determinadas variáveis caracterizadoras do ensino superior militar, pensamos que as mais valias decorrentes de uma análise, mesmo que sucinta do caso francês, justificam a leitura das próximas linhas.

Assim, aproveitando a oportunidade que tivemos recentemente de visitar a Academia Militar de Saint-Cyr, no ano do bicentenário daquela Grande Escola de referência em França (1802-2002) [1], vamos tentar fornecer alguns dos elementos mais determinantes dos cursos mais significativos.

No seu conjunto, as “Écoles de Saint-Cyr Coetquidan “ (na Bretanha, a cerca de 400 km de Paris), incluem três Escolas, respectivamente : a “Ecole Spéciale Militaire de Saint-Cyr” (equivalente à Academia Militar); a “Ecole Militaire Interarmes” (equivalente à ESPE) e a “Ecole Militaire du Corps Technique et Administratif” (para formação de oficiais de saúde e da área logística).

É sobre os cursos da “Ecole Spéciale” que nos vamos debruçar com mais atenção, tendo em consideração que inclui os alunos das armas combatentes do Exército, que constituem simultaneamente o “maior número” e a espinha dorsal” do Exército francês.

Nesta Escola de Saint-Cyr, o perfil do oficial é o de um “chefe militar, servidor do Estado, e decisor”.

A admissão, da responsabilidade do Ministério da Defesa, inclui um concurso documental (abertura às ciências, letras e ciências económicas e sociais) e prestação de provas específicas (físicas, médicas e de aptidão militar). Os candidatos com o máximo de 22 anos, têm no mínimo dois anos de preparatórios (depois do 12º ano) para as grandes escolas francesas (a elite das elites!).

O oficial é entendido como homem de acção, dotado de uma capacidade de reflexão e de vastos conhecimentos militares, com especial destaque para a gestão de recursos humanos, materiais e financeiros, competências que no conjunto “consolidam” a arte de comandar. Tendo em atenção o perfil atrás referido, todo o projecto pedagógico de Saint-Cyr está assente em quatro pilares:

A cultura geral;

O sentido dos valores;

A aptidão para comando;

As competências profissionais.

A arquitectura da formação militar geral (do homem, do cidadão, do soldado e do chefe) inclui um troco comum de formação geral comum a todos os oficiais, formação académica, formação de comportamento militar e desportiva.

A formação militar é concentrada no primeiro ano (formação inicial militar de quatro meses, para além de diversos cursos, como paraquedismo, comandos...) e no último semestre, imediatamente antes do tirocínio.

A componente académica obedece à abertura à sociedade civil, à internacionalização da formação e à qualidade, tendo sempre presente uma estreita ligação com a componente militar. A organização dos cursos é feita por semestres [2], e vai ao encontro do nível de recrutamento de cada um dos alunos, a saber:

Entre os que dispoem dos dois anos de preparatórios para as Grandes Escolas, fazem mais três anos e o tirocínio;

Entre os licenciados com 4 anos, que fazem mais dois anos e o tirocínio;

Entre os licenciados com 5 anos, que fazem mais 1 ano e o tirocínio.

Os alunos obtêm uma licenciatura em “relações internacionais e estratégia” e em “gestão das organizações e dos homens”, que são ministradas em quatro semestres (no caso do primeiro nível de recrutamento), o último dos quais incluindo a preparação e a redacção de uma memória de curso

(normalmente associada à vida militar), num total de cerca de 2.500 horas, das quais cerca de 30% em cadeiras de opção e 25% em trabalho de investigação e pesquisa (que é feita normalmente no estrangeiro). Os “engenheiros” assentam num modelo semelhante e com a mesma duração (seis semestres depois de dois anos de preparatórios como condição de acesso) do modelo das armas, sendo o curso reconhecido pela Ordem dos Engenheiros. Por outro lado, já é possível obter o grau de mestre nas modalidades de “(4/5)+(2/1)+1” (recrutamento dos licenciados), em sintonia com o processo de Bolonha (3+2) e para os “melhores voluntários”.

A escolha das armas é feita no último ano, imediatamente antes do tirocínio, o que cria um sentido de coesão em torno da escola muito mais acentuado. Por outro lado, as Escolas Práticas passam a ter um papel fundamental na formação complementar e específica militar dos futuros oficiais.

Em jeito de análise, destacaríamos o facto de se ministrar uma licenciatura (e em determinado modelo um mestrado) numa área que proporciona saídas profissionais de fácil integração no mercado de trabalho, sem descuidar as necessidades da entidade empregadora (Exército) e a formação militar. Um outro aspecto a salientar, passa pela concentração da formação militar em períodos superiores a dois meses e, sobretudo, numa fase inicial da formação (primeiro ano), com o objectivo de mais rapidamente socializar os alunos na instituição e de os preparar desde logo como Homens, Cidadãos, Soldados e Chefes. A escolha da arma no final dos cursos tem vantagens ao nível do incentivo e do factor coesão, factos muito positivos, sobretudo em França, onde o recrutamento é diversificado.

Sem esquecermos que o modelo francês é diferente dos modelos existentes em Portugal, em função da própria realidade da França, do seu sistema de ensino, das suas componentes sociais e económicas, da missão das Forças Armadas Francesas, e da existência de outras escolas de formação de oficiais, não podemos deixar de destacar a importância da formação das “Elites entre as Elites” e o consequente prestígio da escola de Excelência que constitui Saint-Cyr. Um bom exemplo para Portugal...

[1] Existem ainda outros Estabelecimentos Militares de Ensino Superior Militar Universitário: a Escola Politécnica (em Paris e que forma quadros do Estado...fardados); A Escola de Oficiais da Gendarmerie (em Melun); A Escola Naval e a Escola Militar “De La Flotte” (em Lanvéoc-Poulmic, equivalente à nossa Escola Naval); A Escola do Ar e a Escola Militar do Ar (em Salon-de-Provence, equivalente à nossa Academia da Força Aérea); A Escola de Serviço de Saúde dos Exércitos (em Lyon)...

[2] Seis semestres tipo: Integração; Combate; Formação Geral; Internacional; Ensino Específico; Ensino Opcional.

19 TEXTOS RELACIONADOS:

2011/05/20

CONTEÚDOS DE E-LEARNING DA NATO/PfP USADOS NO ENSINO UNIVERSITÁRIO EM PORTUGAL

Manuel Borges Gonçalves[1]

2009/06/08

AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO ENSINO SUPERIOR MILITAR

João Vieira Borges[1]

2008/03/10

UM OÁSIS NO “DESERTO” PORTUGUÊS: O COLÉGIO MILITAR

João Brandão Ferreira

2007/05/28

AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS HUMANOS E A FORMAÇÃO” (IV)

João Pires Neves[1]

2007/03/20

MULHERES NA INFANTARIA

João Brandão Ferreira

2007/02/21

REPÓRTERES DE GUERRA. FORMAÇÃO[1]

Paulo Sales Grade

2006/09/21

BOLONHA, O ENSINO SUPERIOR MILITAR E A QUALIDADE

Casimiro Pacheco Talhinhos

2006/09/14

QUESTÕES QUE SE PÕEM AO ENSINO SUPERIOR MILITAR

João Brandão Ferreira

2006/07/07

O COLÉGIO MILITAR PARA ALUNOS EXTERNOS?

João Brandão Ferreira

2006/05/25

FORMACION Y TRANSFORMACION MILITAR

Miguel Fernández y Fernández[1]

2006/01/04

A REESTRUTURAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR MILITAR; O PROCESSO DE BOLONHA E A UNIVERSIDADE DAS FORÇAS ARMADAS

João Brandão Ferreira

2005/09/24

A CRIAÇÃO DO “INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES”

João Vieira Borges

2005/06/29

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRIAÇÃO DO IAEFFAA

Eduardo Silvestre dos Santos

2005/05/14

FINALMENTE A REFORMA DO ESM EM PORTUGAL

João Vieira Borges

2005/03/23

A UNIVERSIDADE DE DEFESA NACIONAL DOS EUA

João Vieira Borges

2004/12/14

PROCESSO DE BOLONHA: PENSAR HOJE UM FUTURO MELHOR

João Vieira Borges

2004/01/30

O ENSINO SUPERIOR MILITAR UNIVERSITÁRIO NOS EUA – O CASO DE WEST POINT

João Vieira Borges

2003/12/06

A ESPECIFICIDADE MILITAR NOS ESTABELECIMENTOS MILITARES DE ENSINO UNIVERSITÁRIO

João Vieira Borges

2003/06/12

O CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DA ACADEMIA MILITAR (CINAMIL)

João Vieira Borges